28 MAI 1987 ANC p 10
JORNAL DE BRASÍLIA

Constituinte na prática

Os trabalhos da Constituinte progridem. Pode-se dizer que os obstáculos foram muitos, que houve um período de flutuação em que nada avançava. A verdade é que uma parte do caminho da elaboração da nossa nova Carta Magna já foi cumprida. As subcomissões já terminaram seus trabalhos e a confiança voltou a reinar entre os constituintes.

Ainda é muito cedo para se fazer um balanço, pois ainda há muito caminho a ser percorrido. Entretanto, o clima inicial de confusão já foi ultrapassado e o que se pode observar é um debate caloroso e intenso entre constituintes de orientações diferentes, o que é próprio da democracia.

Não se pode dizer que o grande público tenha ficado entusiasmado com o que foi feito até agora. A impressão que predomina é a inicial, a da falta de coordenação, a da desordem que reinou nos primeiros dias. Esta impressão não é justificável. O que se pôde verificar foi um trabalho intenso como já não se estava acostumado a ver.

Muitos constituintes inicialmente descrentes da eficácia de seu trabalho, hoje já se engajaram plenamente nas comissões e subcomissões para as quais foram designados. A explicação para este fato é simples: os constituintes passaram a trabalhar em função de opções políticas claras. O jogo dos partidos foi suplantado.

Sempre se disse, e com razão, que nossos partidos não têm uma verdadeira identidade. São aglomerados de políticos e militantes determinados muito mais em função de circunstâncias, de disputas locais, que em relação às opções políticas fundamentais. Agora a situação mudou. As fronteiras dos partidos foram rompidas e as escolhas são mais definidas.

Não se pode fazer uma avaliação plenamente positiva do que se passou até agora, pois nem tudo foram flores. Os grupos de pressão, naturais numa sociedade pluralista e democrática, algumas vezes agiram de forma inadequada. Usaram de armas que o bom comportamento político condena. Isto não foi, todavia, o determinante na definição de idéias. O mais importante que se pode verificar, até o momento, é a predominância de tendências que parecem majoritárias em nossa sociedade, independentemente do poder de grupos e das fronteiras partidárias.

Muitas questões que pareciam já definidas, muitas conquistas consideradas definitivas foram colocadas em questão. Isto é próprio da democracia. Não cabe a um grupo ou a uma tendência política, por mais ilustre e respeitável que seja, se sobrepor, numa democracia, à vontade da maioria dos eleitos em pleito livre.

A Constituinte deu apenas os seus primeiros passos. Falta ainda percorrer a maior parte do caminho. É cedo para se fazer prognósticos. O principal da batalha para a definição das linhas gerais de nossa organização política e social ainda está por vir. Mas uma coisa é certa: é no terreno do debate político que as opções serão feitas.

A Constituinte, que parecia destinada a ocupar um segundo plano, se colocou na vanguarda do debate político. Isto é o que de melhor poderia acontecer para o futuro de nossa democracia.